

**Ta'rikh al-sudan: uma fonte afro-muçulmana para a história dos povos da bacia do Níger (séculos XV-XVII)**

Autor: Moisés Nunes Sayão (Bacharelado em História/UFRGS - Bolsista PIBIC-CNPq)

Orientador: Prof. Dr. José Rivair Macedo (Departamento de História/UFRGS)

**Timbuktu**

A cidade de Timbuktu é uma das mais importantes da África Ocidental. Localizada no sul do Saara, recebeu influências do norte, “branco” e fortemente islamizado, e do sul, “negro” e com profundas raízes na tradição autóctone.

A data da sua fundação é indeterminada, porém as fontes escritas das quais dispomos indicam que esta região já era ocupada no período da introdução, gradual e informal – por meio da atividade comercial – do islã, entre o final do século X e o início do século XI (Saad, p. 4). O comércio, aliás, contribuiu para o seu caráter cosmopolita, uma constante na sua história, denotando sua considerável autonomia para com as dinastias que sucederam-se no controle da região (idem, p. 11).

Quando da escrita do *Ta'rikh al-sūdān*, em meados do século XVII, a cidade gozava do status de capital da dinastia Arma, estabelecida após a invasão marroquina em 1591, e a crescente influência do islã refletia-se numa sociedade cada vez mais estratificada (idem, p. 15).

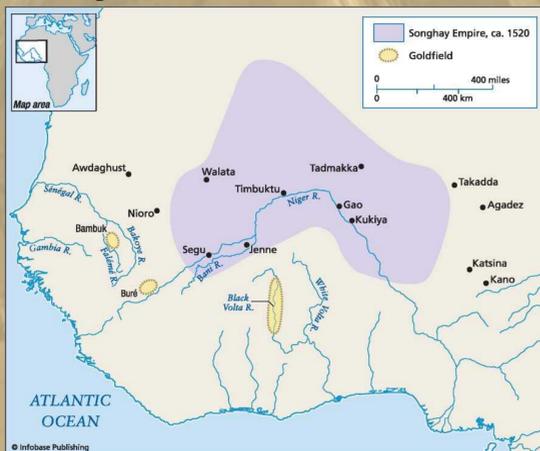


Imagem 1

**Ta'rikh al-sūdān**

Nesta obra, cujo título pode ser traduzido como “Crônica do Sudão”, podemos encontrar as linhas de sucessão das dinastias Zuwā – que governava a região quando da conversão do governante ao Islã, próxima à virada dos séculos X e XI – e Sunni que, embora sem grande detalhamento, auxiliam-nos no estabelecimento de uma cronologia. Após considerações sobre as províncias do Mali, encontramos as histórias de Djenné e Timbuktu, duas das mais importantes cidades da região, bem como pequenos relatos acerca de diversos sábios e “homens santos” que nelas viveram. A seguir, são apresentados mais detalhadamente as histórias dos “reinados” de Sunni Alī e dos governantes da dinastia Askiya do “Império Songai”, até invasão marroquina, em 1591. O texto é encerrado com a narrativa dos governos da dinastia Arma, até a década de 1650 (Sa’dī apud Hunwick, pp. 1-270).

Imagem 1: Mapa do “Império Songhai” (c. 1520). Disponível em: <http://www.worldhistory.biz/>

Imagem 2: Manuscritos de Timbuktu. Disponível em: <http://ngm.nationalgeographic.com/>

Imagem 3: Homem em frente à mesquita. Disponível em: <http://www.princeclausfund.org/>



Imagem 2

**Os Ta'rikhs e os sábios de Timbuktu**

Devido ao seu cosmopolitismo, Timbuktu tornou-se um rico centro de criação cultural. Sua vasta produção literária abriga os hoje chamados manuscritos de Timbuktu. Entre eles estão os *ta'rikhs*, crônicas constituintes de uma narrativa unificada sobre a história da região, elaborados ao longo do século XVII e sem par dentre o material encontrado até hoje naquela localidade (Farias, p. 95-96).

Estes textos são fruto um trabalho intelectual que vai além de uma simples compilação de tradições orais e citação de escritos anteriores. Na verdade, devem ser vistos como parte de um projeto político que objetivava a integração das três elites que ocupavam a região: a Arma – de origem marroquina e que detinha o poder político e militar –, as linhagens Askiya – de origem songhai e destituídos após a invasão, mas que detinham importante papel político – e o “patriciado” urbano de Djenné e Timbuktu – dotado de letramento e útil à administração Arma (idem, p. 97-98).

Membros do “patriciado” urbano, os sábios de Timbuktu – dentre os quais encontramos Abd al-Sa’dī, o autor do *Ta'rikh al-sūdān* – ocupavam cargos na administração sob a dinastia Arma e eram um tipo de liderança urbana, algo comum nas cidades muçulmanas (Saad, p. 15).

Conhecidos como *ulamā*, estes indivíduos desempenhavam atividades “acadêmicas”, como literatos e professores nas madrasas, onde ensinavam, através do Corão, a *Hadīth* (tradição verbal), lei e teologia, além de outras disciplinas, como a astronomia e a língua árabe (Hunwick, p. lx-lxi). Esta ocupação conferia-lhes status e estava intimamente ligada à cultura na qual estavam inseridos.

Administrativamente, estes homens também gozavam de elevado prestígio, pois frequentemente atuavam como *qādī*, na solução de conflitos internos e externos, bem como ocupavam o posto de *imām*, líder religioso que comanda os cultos, como a *Jamā'a*, a oração coletiva na mesquita.



Imagem 3

**Referências bibliográficas**

CISSOKO, Sékéne Mody. *Os Songhai do século XII ao XVI*. In: NIANE, Djibril Tamsir (Ed.). *História Geral da África*, vol. IV, África do século XII ao XVI, Brasília: UNESCO 2010.

FARIAS, Paulo F. de Moraes. *Intellectual innovation and reinvention of the Sahel: the seventeenth-century Timbuktu chronicles*. In: JEPPIE, Shamil & DIAGNE, Bachir (Eds.). *The Meanings of Timbuktu*, HSRC Press, Cape Town, 2008, pp. 95-108.

HUNWICK, John. O (Ed. e trad.). *Timbuktu and the Songhay Empire: Al-Sa'di's Ta'rikh al-Sudan down to 1613, and other contemporary documents*, Brill, Leiden, 2003, pp. 1-270.

SAAD, Elias N. *Social history of Timbuktu*. Cambridge University Press, Nova York, 2010 (1983).